

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



UM FRAGMENTO DE MAQABRĪYYA MUDÉJAR DE SANTARÉM

Gonçalo Lopes / g.simoeslopes@gmail.com

Helena Santos / lenamps@hotmail.com

RESUMO

Analisa-se um fragmento de uma epígrafe funerária mudéjar, uma *maqabrīyya* datada do ano de 1298, exumada de um espaço habitacional baixo-medieval no decorrer dos trabalhos arqueológicos realizados no ano de 2007 na Av. 5 de Outubro n.ºs 2-8, em Santarém. Apesar de se ignorar a sua proveniência original, a raridade deste tipo de epígrafes, associada aos seus aspectos formais, fazem dela um testemunho de capital importância para a compreensão das relações externas da comuna mudéjar de Santarém, bem como dos influxos remanescentes do Islão peninsular durante a baixa Idade Média.

ABSTRACT

The authors analyze a fragment of a funerary mudejar epigraph, a *maqabrīyya* dated from the year 1298, collected in a medieval living space, during the archaeological works that took place in 2007 on Avenida 5 de Outubro n.ºs 2-8, in Santarém. Although ignore its original provenance, the rarity of this type of epigraphs, associated with its formal aspects, make it a testimony of capital importance for the understanding of the external relations of the mudejar commune of Santarém, as the remaining inflows of the peninsular Islam during the Middle Ages.

INTRODUÇÃO

A *maqabrīyya* agora em análise foi descoberta no decorrer da intervenção arqueológica dos n.ºs 2 a 8 da Avenida 5 de Outubro, em Santarém, no âmbito da minimização de impactos resultante da construção de um empreendimento residencial. Esta intervenção, que decorreu em 2007 e 2008, abrangeu uma área de 1000m² e permitiu estabelecer a diacronia de ocupação humana daquele espaço entre o século I e o século XVIII, bem como recuperar importantes informações sobre a cultura material dos vários horizontes culturais que se foram sucedendo na cidade. Situado num ponto charneira entre os dois principais núcleos de povoamento medieval, a Alcáçova (a SE) e o Planalto de Marvila (a Oeste), o local assume-se como preferencial para a compreensão das sucessivas ocupações humanas e dos ritmos de expansão urbana (Figura 1).

Assim, a primeira ocupação efectiva do espaço terá sido com uma necrópole de incineração romana imperial. Posteriormente o espaço foi sucessivamente acolhendo inumações (cerca de 140) cujas caracte-

rísticas se coadunam com as alterações verificadas ao nível dos rituais funerários nas urbes peninsulares entre os séculos III e VIII, decorrentes das conjunturas políticas e sociais que foram ocorrendo. Ainda em período islâmico assinala-se uma mudança na funcionalidade do espaço, com a escavação de estruturas negativas, genericamente interpretadas como silos. Nos primeiros momentos do domínio cristão, a área continuou a acolher actividades típicas das periferias dos núcleos urbanos, como fornos de cerâmica, pedreiras e alcaçarias.

O processo de urbanização só se intensificará a partir dos séculos XIII-XIV, registando-se vários espaços de habitação margeando arruamentos, muito embora, ainda no século XV, a presença de parcelas vazias de construções (certamente dedicadas à agricultura) e as evidências de actividades metalúrgicas demonstrem que a malha urbana não seria ainda especialmente densa nos finais da Idade Média.

É justamente de um destes espaços habitacionais que foi exumada a peça em questão. Sob o entulhamento efectuado após o abandono do compartimento, no canto Sudeste, foram identificadas nove

interfaces sub-circulares (de entre as quais a [551] colmatada com o depósito [552], de onde provém a epígrafe), com diâmetros entre os 50cm – 1m e profundidade entre os 10 – 30cm, que parecem corresponder a negativos de talhas ou ao que resta de pequenos silos. Do seu enchimento, claramente derivado da necessidade de aterrar estas depressões quando já não estão em utilização, foram exumados vários fragmentos de cerâmica vidrada a verde ou melado e de cerâmica comum (como painéis, testos, púcaros, tigelas, escudelas, pratos, alguidares, cântaros, etc.) cuja morfologia é frequente nos contextos baixo-medievais de Santarém (Liberato, 2011) (Figura 2).

SOBRE AS MAQABRĪYYAT

O termo *maqabrīyya* (sing.) ou *maqabrīyyat* (plur.) é utilizado sobretudo em Marrocos (Monroe, 1997, p. 227) para designar as estelas funerárias horizontais prismáticas colocadas longitudinalmente sobre a sepultura. A raiz etimológica advém de *qabr*, sepultura, a qual originou também o termo *maqbara*, cemitério.

A forma prismática tenta reproduzir o montículo de terra que, segundo as regras do funeral islâmico, descritas na *Sunna*, deve cobrir as sepulturas, para que não se confundam com o chão do cemitério.

Existem feitas nos mais variados materiais de construção, embora o uso de um bloco (prismático) de pedra seja o mais frequente, preferencialmente mármore, dependendo a qualidade de execução em grande medida das posses da família do defunto. É disso que se trata, um monumento funerário ligado às classes sociais mais abastadas fazendo, quase sempre, parte de estruturas mais complexas como mausoléus familiares e/ou *qubba*/s (proibidos pela *Sunna*).

As *maqabrīyyat* distribuem-se de forma regular pelo Mediterrâneo ocidental com particular incidência nas cidades costeiras ou com ligações portuárias, perdendo importância nas áreas de influência otomana a partir do século XVI. Até aqui, são vulgares em toda a Ifrīqiā, Marrocos e al-Āndalus, sendo utilizadas até ao século XX, sobretudo em Marrocos.

A descontinuidade geográfica entre os exemplares datados mais antigos não permite isolar a sua génese e associá-la a um lugar específico do Maghreb, se Qayrawān, com uma *maqabrīyya* de 1032, se Almería com outra de 1062. De qualquer modo,

pela grande quantidade de estelas descobertas em Almería percebe-se que é um dos principais centros difusores de *maqabrīyyat* do al-Āndalus, com uma florescente oficina a operar entre o final das taifas e o período almóada.

ASPECTOS FORMAIS

Este monumento funerário foi talhado em mármore branco cuja origem de extracção não foi possível determinar, embora não seja de descartar uma procedência da zona de Estremoz -Vila Viçosa.

Trata-se de um prisma triangular com um dos topos chanfrados, como é usual neste tipo de estelas, tendo a outra extremidade desaparecido truncando a peça em mais de metade. Todas as faces do prisma estão inscritas e este assenta sobre um plinto escalonado, pouco saliente, de dois degraus, de talhe irregular.

Apresenta as medidas 30cm x 14,3cm x 10,4cm, sendo o comprimento uma medida relativa porque não está completa. Em termos gerais, as dimensões não diferem muito das restantes epígrafes funerárias, sobretudo das que se encontram no al-Āndalus para o período almóada.

Nas superfícies notam-se várias fases de escultura e acabamento, bem como os instrumentos utilizados. Inicialmente, o desbaste do bloco foi efectuado com pico, do qual se vêem vestígios na base, onde se vêem vários golpes desta ferramenta usada para abrir a cavidade que serviu para fixar a estela à sepultura. A fase seguinte do desbaste foi feita utilizando escoda, que deixou as características marcas denteadas no bordo da base. O trabalho restante, de gravação e alisamento foi feito com cinzel.

É de registar ainda a existência de restos de argamassa aderentes à base, que mostram ter sido fixada numa estrutura em alvenaria, conforme é habitual em túmulos deste tipo (Figura 3).

CARACTERIZAÇÃO EPIGRÁFICA

A inscrição foi elaborada em cúfico florido, que se mantém como um dos estilos caligráficos “clássicos” da epigrafia árabe, nomeadamente em territórios onde a escola *mālikī* teve maior preponderância, como o foi em todo o Maghreb, e em particular no al-Āndalus.

Observa-se algum cuidado e regularidade na gravação do texto, por exemplo no arranjo das hastes das letras e dispersão dos elementos decorativos,

de modo a evitar espaços vazios, embora também seja notória alguma difuculdade no desenho de algumas letras.

É visível alguma rudeza no talhe da letra “sīn” (س), constituída por um rectângulo dividido na vertical por duas linhas incisivas a simular as três hastes da letra que, normalmente, é escrita com essas mesmas hastes em sentido descendente. A letra “mīm” final (م) apresenta alguma variabilidade, embora siga, curiosamente, o cursivo e não o cúfico (caligráfico). Não existem pontos diacríticos nem vocalizações, aliás bastante raros em epigrafia e completamente ausentes quando o estilo utilizado é o cúfico (Figura 4).

Transcrição:

Face A: [...] بسم الله العظيم هاذا قبر

Face B: [...] ه عام سبع و تسعين و ست مائة

Topo: [...] الله [و] حده

Tradução:

“Em nome de Deus o Imenso, esta sepultura [...]

[...] ano sete e noventa e seiscentos. (1298 d.C.)

Deus é único”

O texto em si apresenta algumas particularidades que o distinguem da generalidade das inscrições funerárias islâmicas *andalusī/s*:

1º – A *basmaLhah* inicial (Face A) foi substituída por uma fórmula semelhante, mas em vez de reproduzir os dois nomes divinos “o Clemente, o Misericordioso”, utiliza somente *al-‘Aẓīm* (traduzido vagamente por o Imenso, o Magnífico, etc.). Este epíteto, fazendo parte dos 99 nomes divinos, foi muito parcamente utilizado, e surge algumas vezes no Alcorão embora não seja dos mais populares, estando por isso ausente de textos epigráficos, nomeadamente funerários.

2º – Na Face B, o sistema de datação, embora vulgar (unidades/dezenas/centenas), é antecedido por uma forma muito pouco usual para a palavra “ano”. Em vez de “sana” (سنة) é utilizada a palavra “`ām” (عام), relativamente rara em fórmulas de datação.

3º – Outra particularidade reside na palavra “hādhā” (esta), na Face A, cujo primeiro “ālif” nunca é grafado, aqui aparece por extenso, ou seja em vez de *هَذَا* surge *هَذَا*. Não se trata propriamente de um erro ortográfico mas sim do costume de se utilizar algumas palavras o que se designa de *ālifkanjarīyya*, que não é mais que um pequeno traço vertical, sobrecrito, a indicar que naquela parte da palavra existe um “a” longo. Por se tratar de um símbolo acessório,

comparável aos signos de vocalização breve, nunca é grafado quando texto não é vocalizado. Neste caso, o autor da inscrição estaria familiarizado com o árabe falado correctamente, mas desconhecia as excepções escritas da língua. Não se trata de um caso isolado de confusão entre o árabe escrito e o falado. No verso de um documento proveniente do mosteiro de Alcobaça (1238), existe uma situação semelhante em que num apontamento que regista a *sūra al-Fātiha*, foi confundida a representação gráfica com a reprodução oral de algumas palavras (ANTT, Corporações Religiosas, Santa Maria de Alcobaça, 1ª Inc., m.7 doc.2).

O topo da lápide foi reservado a uma expressão de importante significado religioso que declara a unicidade de Deus – *Allāhu Wahdahu* – Deus é Único, gravada usando igualmente a escrita cúfica, mas de contornos geométricos adaptados ao espaço triangular deixado pela extemidade do prisma. É um tipo de composição que surge frequentemente na decoração de edifícios *naṣrī/s* e *merínidas* na qual parece filiar-se.

O campo epigráfico está moldurado por um “cordão da eternidade” de dois cabos, que consiste na incisão de linhas descontínuas sobre as faixas deixadas pela área de escrita.

Uma vez que só resta parte da estela, toda a informação relativa ao nome e titulação do defunto, referências corânicas e a data completa do falecimento (a existirem), desapareceram irremediavelmente na metade perdida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *maqabrīyya* de Santarém constitui, portanto, uma das epígrafes árabes mais interessantes dentro do contexto mudéjar peninsular, não sendo conhecido, até ao momento qualquer peça semelhante.

Existem núcleos de epigrafia mudéjar em torno de Lisboa e em Moura (Borges e Macias, 1997, pp. 65-69) sabendo-se também, através da documentação coeva, que as lápides do *almacavar* de Lisboa foram reutilizadas no Hospital Real de Todos os Santos (Barata, 1998, p. 152). Deste sítio foi recolhida a estela de *al-‘Abbās Ahmad*, datada de 1389, mas distinta da de Santarém quer na forma quer nas características epigráficas.

A excepcionalidade desta peça levanta inevitavelmente a questão da sua real proveniência. Tratando-se de um objecto único neste contexto geográfico,

terá sido executado para servir de epitáfio a um habitante de Santarém medieval ou, pelo contrário, será um elemento exógeno trazido de território islâmico? Alguns factores poderão, à partida, tornar verosímil a segunda hipótese, começando pela ausência de paralelos arqueológicos e seguida da possibilidade de ter sido trazida como troféu/curiosidade das conquistas portuguesas do Norte de África ou, de forma mais surpreendente, como lastro de embarcações, como a *maqabrīyya* encontrada na cidade de Cartagena (Martínez Enamorado, 2009, p. 138). Porém, o reduzido desgaste da peça associado a restos de argamassa da estrutura onde estava colocada que dificilmente ocorreriam num transporte de longa distância. Aliás, parece ter havido um manuseamento mínimo após ter sido deslocada do sítio original até ser depositada no contexto arqueológico onde foi encontrada uma vez que todas as fracturas e golpes a que foi sujeita não estão patinados. Há ainda a ter em conta que a comunidade mudéjar de Santarém era uma das mais importantes do País, quer em população quer em recursos, não sendo, portanto, descabida uma encomenda algo “exótica” para os padrões locais. Não seria ainda estranho pertencer a alguém destacado da comuna escalabiana e, sobretudo, viajado, conhecedor do que se fazia em “terra de mouros”. Há numerosos casos de mudéjares que se deslocavam frequentemente a Granada e Norte de África, pelos mais variados motivos (Barata, 1998, p. 125).

Um movimento contrário, provindo de terras islâmicas também se poderia verificar e influenciar directamente o fabrico desta peça. Sabe-se que o mestre de obras do castelo de Alandroal (1294-1298) seria granadino ou afecto aos *naṣrī/s*, deixando o seu lema na lápide fundacional do mesmo. Não esquecendo que uma construção de vulto implica grande número de trabalhadores e artífices, será legítimo supôr que este mestre tenha trazido gente da sua confiança para ali trabalhar. Gente esta que, durante a Idade Média, vai vivendo de forma itinerante conforme o volume e a geografia das obras a obrigar, sendo um importante agente difusor de ideias.

Assim, não será tão perturbadora a presença de uma lápide funerária islâmica, de características únicas, dentro de uma cidade que, em virtude das suas condições naturais de receptora e disseminadora de gentes, bens e cultura, venha a beneficiar dessa mesma condição.

BIBLIOGRAFIA

Fontes manuscritas

ANNT, *Corporações Religiosas*, Santa Maria de Alcobaca, 1ª Inc., m.7 doc.2

Estudos

BARATA, M^a. Filomena (1998) – *A comuna muçulmana de Lisboa. Sécs. XIV e XV*. Lisboa: Hugin.

BORGES, Artur G. de Melo; MACIAS, Santiago (1992) – *Almocavar de Moura: Localização e epigrafia. Arqueologia Medieval*. Mértola. 1, pp. 65 – 69.

LIBERATO, M. (2011) – *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Lisboa: dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à FLUL da Universidade de Lisboa.

MARTÍNEZ ENAMORADO, Virgílio (2009) – *La maqabrīyya “tunecina” del Museo Arqueológico de Cartagena. Mastia*. Cartagena. 8, pp. 131 – 137.

MONROE, James (1970) – *Medieval Iberian Peninsula: Texts and studies (sixteenth century to the present)*. Leiden: J. Brill, p. 227.

SANTOS, Helena; LIBERATO, Marco; PRÓSPERO, Ricardo, (no prelo), *Alterações urbanísticas na Santarém pós-medieval. A diacronia do abandono de uma rua no planalto de Marvila, Velhos e Novos Mundos – Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Lisboa, pp. 61-66.

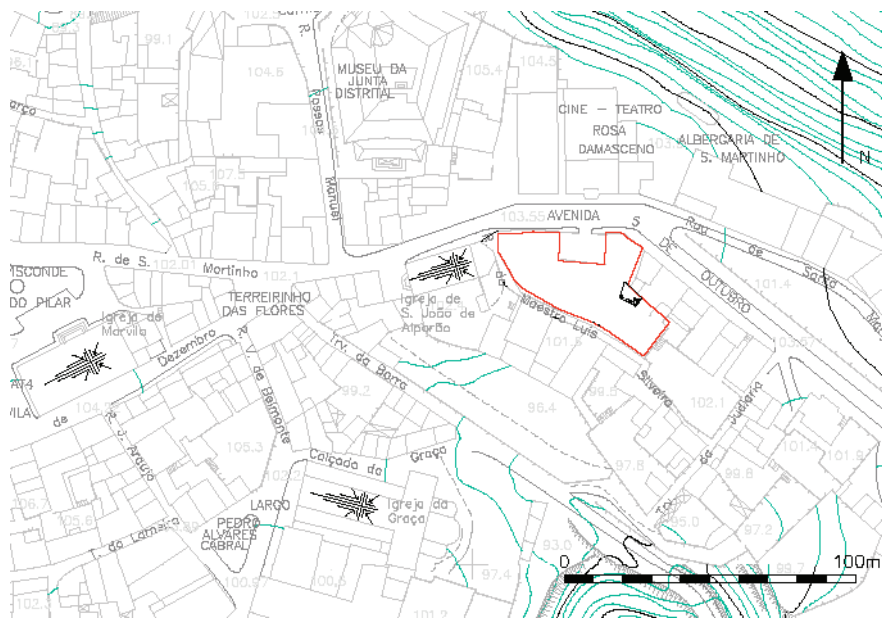


Figura 1 – Localização da escavação arqueológica num extracto da carta cadastral de Santarém (adaptação).



Figura 2 – Vista geral do compartimento de onde foi exumada a *maqabrīyya*.



Figura 3 – *Maqabrīyya* exumada na Av. 5 de Outubro, n.ºs 2-8, em Santarém.

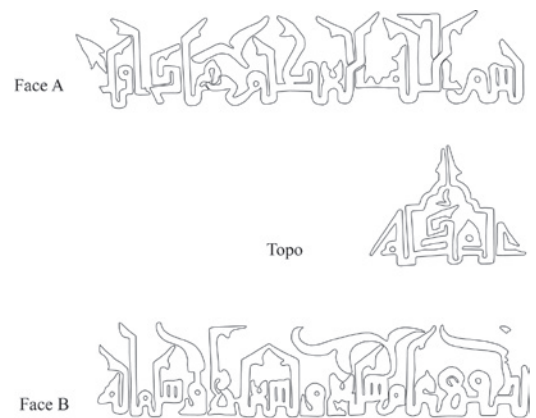
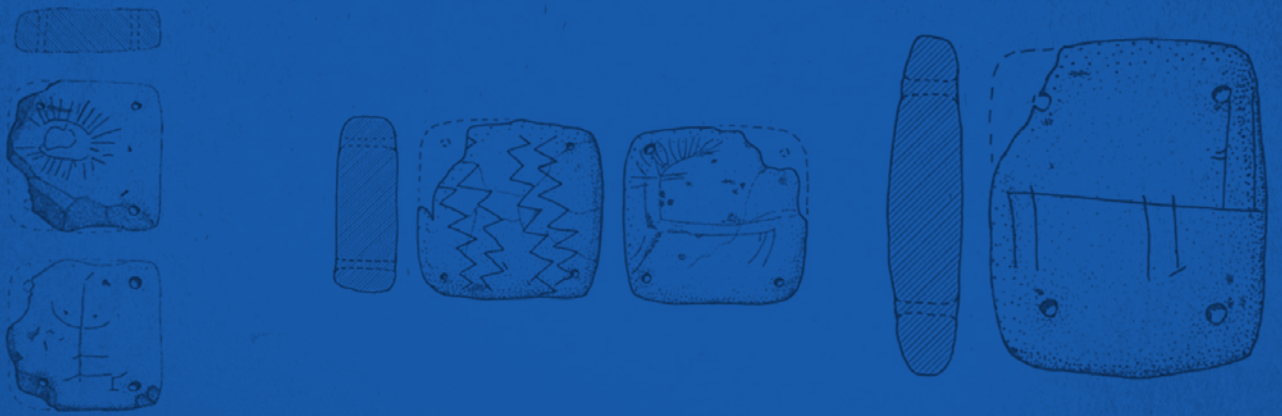
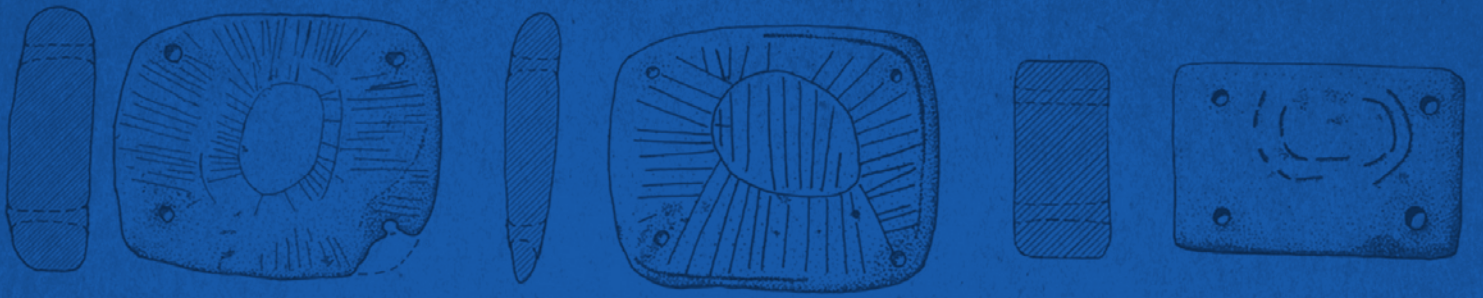
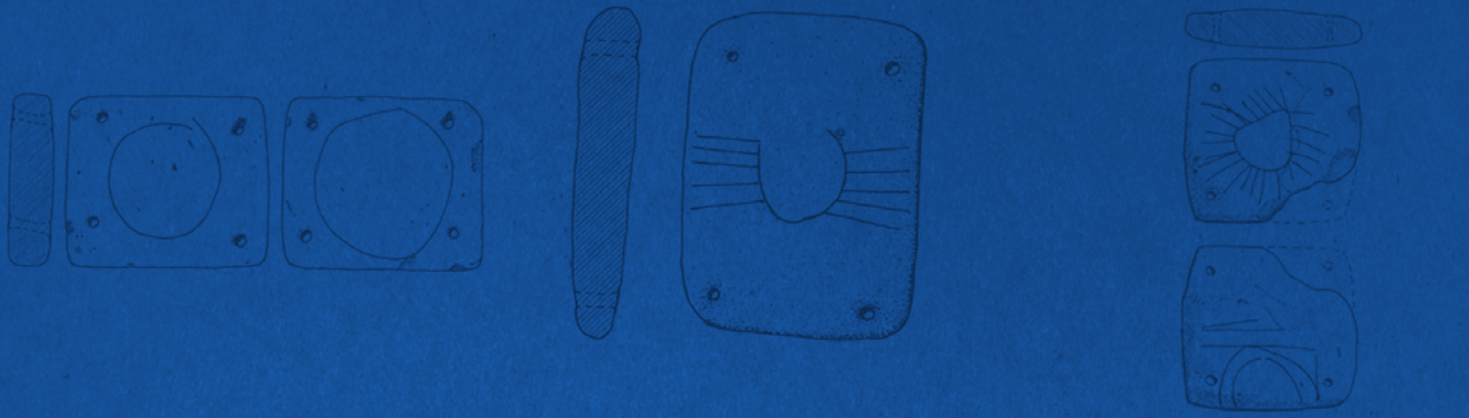


Figura 4 – Decalque da inscrição.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua